

A hospitalização e a infância: relato de ação lúdica prévia a procedimento invasivo

Hospitalization and childhood: report of playful action prior to an invasive procedure

Catharina Moda¹, Roberta Thomé Petroucic¹

¹Faculdade de Ciências da Saúde de Barretos Dr. Paulo Prata - FACISB, São Paulo, Brasil

RESUMO

Introdução: O direito de brincar, fundamental na infância, mostra-se fragilizado durante a internação hospitalar. A humanização em saúde envolve a ludicidade na oncologia infantil. **Relato de experiência:** por meio do Grupo Acadêmico de Atividades Lúdicas, estudantes de medicina capacitados realizaram inserções no Hospital de Amor infantil, promovendo atividades lúdicas, como trocas simbólicas de papéis e uso de brinquedo terapêutico instrucional. Isto levou a amenização do ambiente nas situações prévias a procedimentos invasivos e maior conhecimentos sobre os mesmos, por parte dos pacientes infantis. **Discussão:** conforme relatado, a literatura aponta os benefícios do brincar e o uso de brinquedos terapêuticos instrucionais como importantes meios de proporcionar maior autonomia e bem-estar da criança, bem como de contribuir para seu tratamento de saúde. **Considerações finais:** Ferramentas lúdicas permitiram o ensino sobre procedimentos de rotina hospitalar e propiciaram o direito de brincar. Estudantes de medicina tiveram a oportunidade de crescimento pessoal e ampliação da visão acerca de todo o contexto biopsicossocial que envolve a hospitalização infantil.

Palavras-chave: Crianças, hospitalização, jogos recreativos, neoplasias.

ABSTRACT

Introduction: The right to play, fundamental in childhood, is often compromised during hospitalization. Humanization in healthcare involves incorporating playfulness in pediatric oncology. **Experience Report:** Through the Academic Group of Playful Activities, trained medical students conducted interventions at the Hospital de Amor Infantil, promoting playful activities such as symbolic role exchanges and the use of instructional therapeutic toys. These activities alleviated the environment prior to invasive procedures and increased the children's understanding of these procedures. **Discussion:** As reported, the literature highlights the benefits of play and the use of instructional therapeutic toys as important means to provide greater autonomy and well-being for children, as well as to enhance their cooperation with treatment. **Final Considerations:** Playful tools educated children about routine hospital procedures, reduced environmental tension, and upheld the right to play. Medical students had the opportunity for personal growth and expanded their understanding of the biopsychosocial context surrounding pediatric hospitalization

Keywords: Child, hospitalization, neoplasms, recreational games.

INTRODUÇÃO

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente¹ (ECA), em seu artigo 17, é função de todos os poderes organizar e estimular a criação de espaços lúdicos que propiciem o bem-estar, o brincar e o exercício da criatividade em locais públicos e privados. Embora o brincar seja garantido pelo ECA, tal direito se mostra fragilizado quando na perspectiva da internação hospitalar.

A importância do brincar dentro do ambiente hospitalar se dá como estímulo de desenvolvimento e aprendizado, além da amenização do estresse infantil. A função da aprendizagem relacionada ao brincar no contexto da hospitalização possibilita que a criança entenda melhor o seu mundo, experimentando situações e criando caminhos para o domínio da realidade na qual está inserida². Ademais, o brincar é uma ferramenta para distração frente às constantes práticas hospitalares, uma forma de redução dos sintomas de ansiedade, uma mitigação do sofrimento e uma melhora da qualidade de vida no período de internação³.

Cada vez mais a literatura valoriza a humanização e a ludicidade no ambiente hospitalar⁴, trazendo o brincar como uma estratégia para desmitificar o hospital como um lugar solitário, tornando-o um local humanizado, solidário e de integração e troca de experiências entre pessoas.

O diagnóstico oncológico tem impacto psicológico e social na vida da criança. O câncer infantil está associado à perda de liberdade e prazeres da infância, já que a criança deixa para trás seu mundo sadio de brincadeiras e passa a vivenciar o estresse, tristeza e ansiedade de todo o processo de tratamento⁵.

A opinião da criança, em meio a tantas mudanças, é poucas vezes levada em consideração quando se trata de decisões no cuidado à saúde. Sob a percepção dos pais, as habilidades de comunicação das crianças se desenvolvem e melhoram com intervenções lúdicas de faz-de-conta, tornando-as mais ativas na participação de seu próprio cuidado⁶.

É justamente nessa perspectiva do empoderamento de fala das crianças que os brinquedos terapêuticos instrucionais se mostram eficazes e estimulantes. Por meio de brinquedos que simulam a vivência da criança dentro do ambiente

hospitalar, os profissionais de saúde conseguem perceber a interpretação da criança sobre sua rotina e seus sentimentos diante das situações vivenciadas^{7,8}.

Nesse contexto, o objetivo deste artigo é relatar a experiência do uso de ferramentas lúdicas, como brinquedos terapêuticos instrucionais, durante o período de espera por procedimentos e consultas das crianças, dentro do ambiente hospitalar de tratamento oncológico infantojuvenil de Barretos - São Paulo. Também objetiva relatar a percepção de uma estudante de medicina acerca do contexto biopsicossocial, da necessidade de acolhimento das crianças e do entendimento de seus medos e receios.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

O Grupo Acadêmico de Atividades Lúdicas (GAAL), da Faculdade de Ciências da Saúde de Barretos Dr Paulo Prata - FACISB, é responsável por promover aulas e ações que estimulam estudantes de medicina a se comunicarem de diferentes formas, inclusive por meio de ações ou objetos lúdicos. Um dos grandes objetivos do GAAL é promover a humanização da medicina e dos ambientes de cuidado à saúde.

As ações do GAAL foram fomentadas desde o ano de 2022 dentro do Hospital de Amor Infantojuvenil de Barretos, porém sem uma estrutura formalmente estabelecida. No ano de 2023, a diretoria do GAAL acolheu o projeto de ações lúdicas com crianças internadas e prestes a passar por procedimentos invasivos. Assim, deu-se início ao planejamento formal das ações, apresentando propostas à diretoria do hospital e aprimorando os métodos, conforme as exigências estabelecidas. Foi de suma importância o envolvimento do setor de controle de infecções nas capacitações realizadas para os estudantes e desta forma, todos os participantes das ações foram vacinados e orientados quanto às medidas de higiene, para quando entrassem em contato com as crianças. Os integrantes do GAAL também foram capacitados sobre as formas de comunicação, com representantes da palhaçaria, no decorrer do ano de 2023.

As ações, na brinquedoteca do hospital, foram estruturadas de forma a interferir o mínimo possível na dinâmica hospitalar e, tendo isso em mente, as

inserções ocorreram no período da manhã das quartas e sextas-feiras, dias menos intensos no volume de coletas sanguíneas. Foram ao total 24 discentes, divididos em subgrupos de 3, que realizaram as ações lúdicas, sob a supervisão de profissionais locais, a cada dia de inserção. Os discentes fizeram uso de bexigas para brincadeiras em grupo e de brinquedos terapêuticos instrucionais para ensinar procedimentos como: sondagem nasogástrica, acesso venoso periférico e acessos centrais, dentre outros.

Houve oito inserções, das quais participei pessoalmente de duas. Na primeira inserção, brincamos com as crianças e ensinamos sobre o acesso venoso periférico e central. As crianças, durante as brincadeiras e rodas de conversa, sentiam-se à vontade para expor suas dúvidas e inclusive se identificavam com o que era exposto. Recordo-me que duas crianças mostraram seus cateteres *Port-a-Cath* e questionaram a função do acesso. Nessa mesma inserção, ao final das ações, uma das mães abordou-me e disse ser aquela a primeira vez, durante todo o tratamento de seu filho, que o vira brincar e interagir da maneira que o fez conosco naquele dia.

Na segunda inserção, as crianças assumiram o papel de médicos e nós, discentes, de pacientes. Percebi o quão imersas na vivência hospitalar as crianças estavam, por meio das brincadeiras das quais participei. No papel de paciente, durante a brincadeira, fui “operada” para a retirada de um nódulo que havia em meu braço, tomei algumas falsas injeções que curaram a minha “febre” e pude perceber o quanto as crianças já sabiam sobre doenças, tratamentos e procedimentos hospitalares. Questionei uma delas sobre a sonda nasogástrica que havia no boneco e sua função e obtive uma resposta surpreendente, a criança me explicou ser uma mangueira cuja função era encher o “bucho” - termo popular para estômago - por causa da fraqueza que o câncer havia causado. Quis ser mais específica e questionei qual era o câncer que o boneco tinha, a criança me respondeu ser câncer do fígado, pois a barriga do boneco estava grande demais.

Essas brincadeiras talvez não fizessem sentido para crianças que não vivem dentro do ambiente hospitalar, mas, por meio desta experiência, pude ver a importância, para as crianças hospitalizadas, da melhor compreensão a respeito do processo pelo qual estão passando. Fiquei impactada ao refletir que crianças, de cerca de 5 anos de idade, já sabiam o

que era um nódulo, já conheciam etapas do processo cirúrgico, como a sedação, e conseguiam associar uma neoplasia hepática à distensão abdominal.

Muitas vezes o impacto da hospitalização na infância passa despercebido diante de tantas outras demandas dos profissionais da saúde, mas é preciso ter em mente que, independentemente do local, são apenas crianças que têm o direito de brincar e se divertir, o que lhes é garantido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. A internação priva ou cerceia esse direito de forma importante, pois são poucos os momentos e atividades que proporcionam a liberdade para brincar.

Durante o processo de acolhimento das ações pela diretoria do Hospital de Amor, foi reiterado o princípio de humanização sobre o qual o hospital foi fundado, além do que, as brincadeiras e a empatia com as crianças afirmam o nome que o hospital carrega, pois, naquelas ações, espalhamos e compartilhamos do amor que envolve a medicina e que habita em cada criança.

DISCUSSÃO

Participar de ações lúdicas com crianças hospitalizadas provocou várias reflexões e discussões foram levantadas. Cada dia mais, o conceito de humanização e a visão biopsicossocial da medicina tomam lugar em projetos de pesquisa, e este relato busca relacionar e corroborar a experiência vivida com a literatura já existente, mostrando a importância do brincar, o impacto da internação hospitalar e o poder do lúdico como forma de ensino e diversão.

O brincar, no contexto da internação hospitalar, proporciona, para a criança, a compreensão do meio no qual está inserida, impulsiona a imaginação, a criatividade e possibilita a construção de autonomia. O uso de ferramentas lúdicas recria experiências vividas, como quando as crianças assumiram o papel de médicos, ressignificando passagens traumáticas e possibilitando o desenvolvimento de noções de regra².

Uma pesquisa³ entrevistou crianças em processo de tratamento oncológico sobre os impactos da quimioterapia, seus efeitos colaterais, sobre a dor e estratégias de enfrentamento. As crianças relataram um tempo incômodo de ociosidade e tédio

relacionado à falta de atividades de entretenimento e ao impedimento de locomoção implicado pela quimioterapia com bomba de infusão lenta. Assim como observado no presente relato, as crianças de tal estudo ressaltaram a importância dos alunos graduandos, voluntários e da palhaçaria hospitalar que, através do lúdico, ressignificam procedimentos médicos e de enfermagem comuns ao cotidiano. Também permitem proximidade e adaptação a termos técnicos.

Atividades lúdicas, além de forma de ensino, proporcionam o escape da realidade, necessário a essas crianças. Ferramentas lúdicas levam a experiências imaginativas e os sonhos e fantasias modificam as percepções de mundo. Neste mérito, por meio das brincadeiras, as crianças podem se colocar no lugar de diferentes profissionais - conforme relatado no segundo dia de inserção - como médicos, enfermeiros, super-heróis e, como consequência, ressignificam experiências vividas e todo o ambiente hospitalar⁹.

Ademais, discorrendo sobre o impacto psicológico que a punção venosa e os demais procedimentos hospitalares invasivos podem causar, as atividades lúdicas podem reduzir os medos. Quando é oferecida à criança a oportunidade de aprender sobre a punção, como é feita e o porquê, ela é colocada como protagonista. Ela simula a aplicação de uma injeção e dessa forma se iguala ao profissional de saúde, propiciando sua expressão de força e de autonomia⁸.

O ambiente hospitalar e as experiências traumáticas também impactam significativamente na adesão da criança ao tratamento. A prática de jogos e brincadeiras gera mais aceitação, por parte das crianças, às idas ao hospital, visto que elas passam a perceber o ambiente hospitalar como um lugar onde podem vivenciar sentimentos bons e momentos de socialização entre amigos¹⁰. Isto foi observado, neste relato, quando a mãe de uma das crianças, ao ver seu filho brincar e interagir, afirmou que ele nunca o tinha feito antes.

Sobre a atividade realizada com os brinquedos terapêuticos, a literatura corrobora que essas ferramentas lúdicas, como forma de ensino, têm a capacidade de empoderar pacientes infantis durante seu tratamento. As crianças acabam desenvolvendo uma relação de confiança com as enfermeiras e

médicos, criam estratégias de enfrentamento e expressão de seus medos¹¹. Isto se transforma em um ganho para os profissionais de saúde que recebem cooperatividade, entendem melhor as demandas do paciente e melhoram as relações interpessoais¹². Assim, é imprescindível que os profissionais de saúde conheçam esta técnica e façam uso dela em seu cotidiano⁷.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hospitalização, na maioria das vezes, impossibilita o brincar e acaba privando muitas crianças de uma parte importante de suas vidas e desenvolvimento. Nesse contexto, ferramentas lúdicas, como os brinquedos terapêuticos instrucionais, foram utilizadas com os objetivos de ensinar alguns procedimentos de rotina hospitalar, buscando amenizar a tensão e ansiedade do ambiente, e evidenciaram que independentemente do lugar, o direito de brincar pode e deve ser mantido. Ademais, o projeto ressalta a prática humanizada da medicina e do cuidado com a saúde, proporciona o crescimento pessoal e amplia o campo de visão dos estudantes acerca de todo o contexto biopsicossocial que envolve o paciente.

AGRADECIMENTOS

Hospital de Amor de Barretos e Grupo Acadêmico de Atividades Lúdicas FACISB.

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Lei 8. 069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990a Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm
2. Oliveira TN, Palmeira AT. As funções do brincar para criança hospitalizada. Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 89–100, 2018. DOI: 10.17267/2317-3394rpds.v7i1.1800. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/>

- view/1800
3. Sposito AMP, Nascimento LC, Garcia-Schinzari NR, Mitre RMA, Pfeifer LI, Lima RAG. O melhor da hospitalização: contribuições do brincar para o enfrentamento da quimioterapia. *Avances en Enfermería*, [S. l.], v. 36, n. 3, p. 328–337, 2018. DOI: 10.15446/av.enferm.v36n3.61319. Disponível em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/avenferm/article/view/61319>
 4. Mitre RM de A, Gomes R. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde. *Ciênc saúde coletiva* [Internet]. 2004;9 (1) : 147-54. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-81232004000100015>
 5. Souza LPS, Silva RKP, Amaral RG, Souza AAM, Mota EC, Silva CSO. Câncer infantil: sentimentos manifestados por crianças em quimioterapia durante sessões de brinquedo terapêutico. *Rev. Rede Enfermagem Nordeste*, Fortaleza, v. 13, n.3, p. 686-692, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/12319>
 6. Ramdaniati S, Lismidiati W, Haryanti F, Sitaresmi MN. The effectiveness of play therapy in children with leukemia: A systematic review. *J Pediatr Nurs*. 2023 Nov-Dec;73:7-21. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.pedn.2023.08.003> Epub 2023 Aug 18. PMID: 37597401.
 7. Chiavon SD, de Brum CN, dos Santos E, Sartoretto EA, Zuge SS, Gaio G, Trentin PA, Potrich T. Utilização do brinquedo terapêutico para a criança que vivencia o processo de hospitalização: uma revisão narrativa / Use of the therapeutic play for the child who experiences the hospitalization process: a narrative review. *Braz. J. Hea. Rev.* [Internet]. 2021 Jan. 8 [cited 2024 Jul. 30];4(1):382-98. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/22724>
 8. Coelho HP, Souza G dos SD de, Freitas VH de S, Santos IRA dos, Ribeiro C de A, Sales JKD d, et al. . Percepção da criança hospitalizada acerca do brinquedo terapêutico instrucional na terapia intravenosa . *Esc Anna Nery* [Internet] . 2021 ; 25 (3) : e20200353. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0353>
 9. Simon H dos S, Kunz E. O BRINCAR COMO DIÁLOGO/ PERGUNTA E NÃO COMO RESPOSTA À PRÁTICA PEDAGÓGICA. *Movimento* [Internet]. 6º de dezembro de 2013;20(1):375-94. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/39749>
 10. Souza L da S, Figueirêdo MNL de, Fú HS, Oliveira KB de S, Brasileiro LT, Nunes RT, Silva PHB da, Melo MST de. O Lúdico no Processo de Hospitalização das Crianças com Câncer. *Licere* [Internet]. 4º de abril de 2022;25(1):171-99. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/39075>
 11. Godino-Iáñez MJ, Martos-Cabrera MB, Suleiman-Martos N, Gómez-Urquiza JL, Vargas-Román K, Membrive-Jiménez MJ, Albendín-García L. Play Therapy as an Intervention in Hospitalized Children: A Systematic Review. *Healthcare (Basel)*. 2020 Jul 29;8(3):239. Disponível em: <https://doi:10.3390/healthcare8030239> . PMID: 32751225; PMCID: PMC7551498.
 12. Sezici E, Ocakci AF, Kadioglu H. Use of Play Therapy in Nursing Process: A Prospective Randomized Controlled Study. *J Nurs Scholarsh*. 2017 Mar;49(2):162-169. Disponível em: <https://doi:10.1111/jnu.12277> Epub 2017 Jan 18. PMID: 28098954.

AUTOR DE CORRESPONDÊNCIA**Roberta Thomé Petroucic**
robertapetro@facisb.edu.brFaculdade de Ciências da Saúde de Barretos Dr Paulo Prata – FACISB
Avenida Loja Maçônica Renovadora 68, 100
CEP 14785-002, Barretos/SP, Brasil
Telefone (17) 3321-3060

Recebido: 17.09.2024

Aceito: 05.12.2024

Publicado: 20.12.2024

A revista é publicada sob a licença Creative Commons - Atribuição-
-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.